

# Os positivismos e a Faculdade de Direito do Recife

Teodoro Koracakis\*

## RESUMO

Este artigo pretende investigar a penetração das diferentes doutrinas positivistas no Brasil, a partir de 1870, tendo como primeira escala a Faculdade de Direito do Recife. Este processo irá adicionar novas características às idéias positivistas, marcando fundamentalmente a proliferação das mesmas no país e o posterior desenvolvimento da cultura brasileira. Palavras-chave: positivismo; cultura brasileira; Faculdade de Direito do Recife.

## SUMMARY

*This article aims at investigating the penetration of the different positivist doctrines in Brazil since 1870, having as first step Recife's Law School. This process will add new characteristics to the positivist ideas, fundamentally stressing its spread throughout the country and the subsequent development of Brazilian culture.*  
Keywords: positivism; Brazilian culture; Recife's Law School.

## RESUMEN

*Este artículo se propone a investigar la penetración de las diferentes doctrinas positivistas en Brasil, a partir del 1870, tendo como primera escala la Facultad de Derecho de la ciudad de Recife. Este proceso añadirá nuevas características a las idéias positivistas, marcando fundamentalmente la proliferación de las mismas en el país y el posterior desarrollo de la cultura brasileña.*  
Palabras-clave: positivismo; cultura brasileña; Facultad de Derecho de Recife.

**P**ara iniciar este artigo, examinaremos os pressupostos compartilhados por diferentes tipos de positivismo<sup>1</sup> para, em seguida, analisar o movimento cultural detonado na Faculdade de Direito do Recife, em 1870.

A chamada posição positivista advoga não ser possível um conhecimento válido da realidade dissociado do prisma científico. Um positivismo "ideal-típico" fundamentaria-se, então, em algumas premissas básicas que estruturariam um sistema coerente e operacional: a sociedade, assim como a natureza, é regida por leis naturais invariáveis, que independem da vontade e da ação humana; a sociedade pode ser epistemologicamente assimilada pela natureza e ser analisada pelos mesmos métodos utilizados pelas ciências da natureza; as ciências da sociedade, assim como as da natureza, devem limitar-se à observação e à identificação das causas dos fenômenos, de forma objetiva, neutra, livre de julgamentos de valor ou de ideologias. Em suma, uma ciência axiologicamente neutra, considerada o único conhecimento válido.

Michel Löwy, em estudo sobre o positivismo, comenta as implicações da premissa da neutralidade da ciência, no caso das ciências sociais: "O axioma da neutralidade valorativa das ciências sociais conduz, logicamente, o positivismo a negar - ou melhor, a ignorar - o condicionamento histórico-social do conhecimento. A própria questão da relação entre conhecimento científico e classes sociais geralmente não

é colocada: é uma problemática que escapa ao campo conceitual e teórico do positivismo. Além do mais, ele analisa os fundamentos sociais do pensamento pré-científico: pensamento mágico etc.; mas a própria ciência nele aparece soberanamente livre de vínculos sociais. Em outras palavras: uma sociologia do conhecimento (científico), uma análise da relação entre o saber e as classes sociais são contraditórias com o quadro metodológico fundamental do positivismo". (Löwy, 1987, p.18)

A idéia de transportar o modelo das ciências naturais para a análise da sociedade surge no século XVIII, na Europa do Iluminismo. Era uma plataforma intelectual da burguesia nascente contra a ordem feudal absolutista. Dos iluministas, Condorcet (1743-1794) é o que mais contribuiu para a tentativa de se instituírem leis naturais para a sociedade. Condorcet, ao se interessar por economia política, começa a valorizar a precisão da matemática e a especular a validade destes métodos para os fatos sociais. Considera os métodos das ciências naturais de grande valor para as ciências da sociedade.

O ideal de ciência neutral vai ser o cerne do pensamento positivista, que atinge o auge no século XIX. É importante observar o caráter revolucionário do surgimento desta idéia no contexto do Iluminismo, como ressalta Michael Löwy: "Mas, há ainda em Condorcet uma significação utópico-crítica: seu objetivo confesso é o de emancipar o conhecimento social dos "interesses e paixões" das classes dominantes. O

cientificismo positivista é aqui um instrumento de luta contra o obscurantismo clerical, as doutrinas teológicas, os argumentos de autoridade, os axiomas a priori da Igreja, os dogmas imutáveis da doutrina social e política feudal.” (Löwy, 1987, p.19 e 20)

Contudo, essas idéias surgidas no Iluminismo, de caráter revolucionário, vão ser transformadas no século XIX com Augusto Comte (1798-1857), em um sistema conceitual e axiológico que tende à defesa da ordem vigente. A intenção comtista de fixar as leis naturais que regulam a sociedade tem como meta a manutenção das conquistas das revoluções burguesas. O método positivo de Comte visa afastar as críticas negativas e subversivas oriundas do antigo Iluminismo e dos socialismos que surgem.

Comte retomará a idéia de que a ciência da sociedade pertence ao sistema das ciências naturais, porém suas intenções serão conservadoras. Para Comte, objetividade e neutralidade podem ser “importadas” das ciências naturais, instituindo-se uma ciência natural da sociedade, ou uma “física social”, tão neutra e objetiva quanto a astronomia e a química: “Sem admirar nem maldizer os fatos políticos, vendo-os essencialmente, como em qualquer outra ciência, como simples temas de observação, a física social considera, portanto, cada fenômeno sob o duplo ponto de vista elementar de sua harmonia com os fenômenos coexistentes e de seu encadeamento com o estado anterior e posterior do desenvolvimento humano”. (Comte, apud Löwy, 1987, p.24)

Essa valorização extrema de um tipo de conhecimento, o científico, e a adoção do modelo das ciências naturais tiveram diversas manifestações durante o século XIX, embora o positivismo de Comte tenha sido a mais visível, constituindo-se em um sistema com aceitação ampla nos meios intelectuais da época e exercendo influência em teorias e pensamentos posteriores.

A romantização da ciência, elevada à condição de único conhecimento possível e válido, marca também o evolucionismo de Herbert Spencer

(1820-1903) e o monismo de Haeckel (1834-1910), dois dos principais positivistas concomitantes a Comte.

O positivismo de Herbert Spencer está mais preocupado em mostrar a gênese evolutiva dos fatos mais complexos a partir dos mais simples do que em fixar leis gerais não-dinâmicas. Pode-se dizer que o positivismo de Spencer enfoca preferencialmente o desenvolvimento dos fatos no tempo, pois a evolução dos mesmos obedece a procedimentos semelhantes aos dos organismos vivos. Este evolucionismo de Spencer é, inicialmente, idêntico ao da *Origem das Espécies*, de Charles Darwin (1809-1882). Porém, estende o conceito biológico para a análise da sociedade. A evolução, para Spencer, é progresso necessário e só acabará, no que se refere ao homem, com a máxima perfeição e a mais completa felicidade.

Ernst Haeckel também procurou reconstituir toda a evolução dos seres vivos. Formulou uma teoria evolucionista mais ampla do que a de Darwin e a de Spencer, aplicável a todo universo, que foi denominada de “monismo”. Seu monismo naturalista fundia ciência, religião e filosofia, concebendo que espírito e matéria eram aspectos diferentes da mesma substância. Esta fusão tinha a intenção de revelar a hegemonia do material e do objetivo e não de um subjetivismo metafísico ou de um equilíbrio de importância entre matéria e espírito.

Outras idéias originárias das ciências naturais também tiveram bastante penetração na época, como é o caso do determinismo de Hippolyte Taine (1828-1893), que subordinava indivíduo e raça a fatores geográficos, de hereditariedade, de ambiente e a circunstâncias determinadas. Outro estudo, vindo agora da ciência médica e que mobilizou os meios intelectuais, foi o conceito psicofisiológico de Claude Bernard (1813-1878), que associava o comportamento psíquico ao funcionamento do organismo humano. Até mesmo a religião e a Igreja eram discutidos em termos científicos. O anticlericalismo de Ernest Renan atingiu grande repercussão, realizando estudos sobre as origens histórico-biográficas de Jesus Cristo.

Talvez uma das explicações para a repercussão do positivismo de Augusto Comte seria o esforço do intelectual francês e de seus discípulos para incorporar diversos positivismos - nem todos - sob uma égide comum. Esta incorporação de teorias e de autores (com menos ênfase em autores contemporâneos a Comte), mas sempre com aspectos cientificistas, materialistas, anticlericalistas ou antiabsolutistas por parte da corrente comtiana, pode ser observada nas recomendações de leituras extraídas do *Tratado sobre os ares, as águas e os lugares*, de Hipócrates, (sem data, mas provavelmente publicado na primeira década do século XX) da Igreja e Apostolado Positivista do Brasil. Sob o título *Biblioteca positivista ou sistema de leituras aconselhadas por Augusto Comte*, são recomendados um total de 150 volumes, divididos pelas áreas de poesia, ciência, história e síntese.

Alguns dos autores e obras sugeridos são os seguintes:

- Poesia (no sentido de obra literária): Homero (*Ilíada e Odisséia*); Cervantes (*D. Quixote e Novelas exemplares*); Byron - *Obras escolhidas* (suprimindo nomeadamente o *D. Juan*);

- Ciência: Condorcet (*Aritimética*); Descartes (*Geometria*); Lamarck (*Filosofia Zoológica*); Duméril (*História natural*);<sup>2</sup>

- História: Hume (*História da Inglaterra*); Gibbon (*História da decadência romana*); Plutarco (*Vidas de homens ilustres*);

- Síntese (obras gerais): Aristóteles (*Política e Moral*); Descartes (*Discurso sobre o método*); Gall (*Tratado sobre as funções do cérebro*); Adão Smith (*Ensaio sobre a história da astronomia*).<sup>3</sup>

As diferentes teorias científicas européias vão chegar ao Brasil a partir da década de 1870 e abalarão as concepções filosóficas e científicas existentes. O exame do percurso destas idéias no Brasil mostra o papel difusor dos intelectuais que se agrupavam em torno da Faculdade de Direito de Recife e que se autodenominaram a Escola do Recife.

Cruz Costa, no *Panorama da História da Filosofia no Brasil*, revela a influência dos outros positivismos na história intelectual do Brasil na se-

gunda metade do século XIX, ao lado do positivismo de Comte, e identifica o caráter simplista dessas filosofias como explicação para o seu sucesso: "Outras correntes do pensamento filosófico europeu também aqui atuaram e, entre elas, a concorrer com o positivismo, o evolucionismo. Foi ainda o caráter científico, positivo, dessa tendência filosófica, tão próxima do Positivismo, que atraiu as elites brasileiras. A doutrina evolucionista de Herbert Spencer, embora não negue, põe em dúvida o valor da Metafísica e afirma que todo o conhecimento está contido nas ciências. Esta filosofia naturalista, simplista e simplificadora condizia com a mentalidade dos letrados, quase todos autodidatas, pouco inclinados às abstrações, aceitando facilmente tudo quanto dispensasse um trabalho mental contínuo e fatigante. As idéias definitivas (ou as que assim lhes afiguravam ser) pareciam-lhes constituir a verdadeira essência da sabedoria". (Cruz Costa, 1959, p.49)

Este tipo de crítica de Cruz Costa faz parte de uma linhagem de críticas contra as influências de idéias estrangeiras no pensamento brasileiro, que acabam se sedimentando nos dias de hoje na crítica de Roberto Schwarz, que elabora o conceito de "idéias fora do lugar" para descrever a inadequação das idéias importadas. Nas palavras do intelectual paulista: "Ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe idéias européias, sempre no sentido impróprio". (Schwarz, 1992, p.24)

No que tange a essa questão, na segunda metade do século XIX, o que acontece é, na verdade, uma guinada contra o predomínio das idéias metafísicas e religiosas sobre a intelectualidade brasileira. Esta transformação começa em 1870, na Faculdade de Direito do Recife, que se tornou um centro aglutinador de intelectuais. Tobias Barreto (1837-1879) e seu fiel discípulo Silvio Romero (1851-1914) foram os detonadores desta reação, consubstanciada na chamada Escola do Recife.

Romero, em 1926, faz um balanço desse período. Inicialmente, mostra como era o quadro cultural

no Brasil antes de 1870: "Até 1868 o catolicismo reinante não tinha sofrido nestas plagas o mais leve abalo; a filosofia espiritualista, católica e eclética, a mais insignificante oposição; a autoridade das instituições monárquicas, o menor ataque sério por qualquer classe do povo; a instituição servil e os direitos tradicionais do feudalismo prático dos grandes proprietários a mais indireta opugnação; o romantismo, com seus doces enganosos e encantadores cismares, a mais apagada desavença reatora. Tudo tinha adormecido à sombra do manto do príncipe feliz que havia acabado com o caudilhismo nas províncias da América do Sul e preparado a engrenagem da peça política de centralização mais coesa que já uma vez houve na história de um grande país". (apud Bosi, 1994, p.165)

Em seguida, Silvio Romero mostra o surgimento de um novo momento político, extremamente permeável ao "bando de idéias novas" que vinham da Europa: "De repente, por um movimento subterrâneo que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se mostrou e o sofisma do império apareceu em toda sua nudez. A guerra do Paraguai estava ainda a mostrar a todas as vistas os imensos defeitos de nossa organização militar e o acanhado de nossos progressos sociais, desvendando repugnantemente a chaga da escravidão; e então a questão dos cativos se agita e logo após é seguida a questão religiosa; tudo se põe em discussão: o aparelho sofisticado das eleições, o sistema de arrocho das instituições policiais e da magistratura e inúmeros problemas econômicos: o partido liberal, expelido grosseiramente do poder, comove-se desusadamente e lança aos quatro ventos um programa de extrema democracia, quase um verdadeiro socialismo; o partido republicano se organiza e inicia uma propaganda tenaz que nada iria parar". (apud Bosi, 1994, p.165 e 166)

Romero cita ainda as mudanças no campo teórico, revelando "o bando de idéias novas" que chegavam ao Brasil, com primeira parada na Faculdade de Direito do Recife: "Na política é um mundo inteiro que vaci-

la. Nas regiões do pensamento teórico, o travamento da peleja foi ainda mais formidável, porque o atraso era horroroso. Um bando de idéias novas esvoaçou sobre nós de todos pontos do horizonte. Hoje depois de mais de trinta anos; hoje que são elas correntes e andam por todas cabeças, não têm mais o sabor de novidade, nem lembram mais as feridas, que para as espalhar, sofremos os combatentes do grande decênio: positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, cientificismo na poesia e no romance, folclore, novos processos de crítica e de história literária, transformação da instrução do direito e da política, tudo se agitou e o brado de alarma partiu da Escola do Recife". (apud Bosi, 1994, p.166)

Silvio Romero fixa o momento do desencadeamento da ruptura anti-romântica na produção crítica de seu mestre Tobias Barreto. Romero insiste, em vários textos, em comentar o caráter desbravador de seu amigo, tornando-o um verdadeiro símbolo do intelectual militante, divulgador de idéias. No ensaio "A prioridade de Pernambuco no movimento espiritual brasileiro", mais uma vez destaca a busca por novos autores e teorias de Tobias Barreto, especificando quais seriam as "fontes": "Desde 1870 que, abandonando quase totalmente a poesia, atirou-se à crítica em seus variados ramos. A sua nova intuição, elaborada pelo estudo profundo do positivismo, do darwinismo, das escolas de ciência religiosa alemã, *maxime a strussbauriana*, pela leitura dos *litera-historikern*, como Julian Schimdt e Treitschk, e dos publicistas, como Mohl e Gneist, derramou-se em vários escritos. (...) O novíssimo germanismo de Tobias Barreto, ainda não aplaudido em parte alguma do Império, e antes muito desdenhado, firma-se quanto à ciência, na intuição monística do mundo e da humanidade e pressupõe o conhecimento de Comte e de Darwin, e, na literatura, promove implicitamente o princípio da seleção natural entre as nações, fazendo-nos jogar à margem as migalhas da civilização francesa, e mergulhar na grande corrente da cultura alemã". (apud Sodré, 1959, p.167)

Cruz Costa, mesmo com uma postura bastante crítica em relação às filosofias “importadas” da Europa, em especial as germânicas, como vimos anteriormente, constata o papel importantíssimo desempenhado por elas no contexto intelectual brasileiro a que nos referimos: “O espençerismo e as correntes do evolucionismo alemão teriam, assim, o seu momento de influência na história intelectual do Brasil: o espençerismo, numa forma difusa, coincidia com o liberalismo da época; e o evolucionismo alemão, modalidade das vicissitudes do materialismo germânico, foi como ‘uma rajada de pensamento livre, de cultura moderna’, no dizer de Graça Aranha, que passou pelo Brasil”. (Cruz Costa, 1959, p.50)

Essas concepções positivistas presentes no Brasil, na época, estariam, então, mais próximas do espírito revolucionário do Iluminismo do que do espírito conservador do positivismo comtiano. Os alunos da Faculdade de Direito de Recife moviam uma verdadeira “guerra santa” contra as antigas teorias, representadas genericamente pelo que chamavam de metafísica. A defesa de tese de doutorado de Silvio Romero foi transformada em ato político, tendo o evento atingido o auge no diálogo tenso entre o doutorando e um dos integrantes da banca, Coelho Rodrigues. O debate ficou mais ríspido quando o argüente reclamou da oposição de Silvio Romero à metafísica:

“ - Nisto não há metafísica, há lógica, [respondeu o doutorando]

- A lógica não exclui a metafísica, replicou o argüente.

- A metafísica não existe mais, se não o sabia, o saiba, treplicou o doutorando.

- Não sabia, retrucou [o professor].

- Pois vá estudar e aprender para saber que a metafísica está morta.

- Foi o senhor quem a matou?, perguntou-lhe então o professor.

- Foi o progresso, a civilização, respondeu o bacharel Silvio Romero, que ato contínuo se levantou, tomou os livros que estavam sobre a mesa e disse com ar triunfante: - Não estou para aturar esta corja de igno-

rantes que não sabem de nada.” (apud Schwarcz, 1995, p.148)

Longe da metafísica e do subjetivismo, viviam os intelectuais recifenses o ideal de estarem não somente criando teorias, mas também construindo uma nova nação. Os alunos e futuros mestres da Faculdade de Direito do Recife vinham, majoritariamente, de setores da classe média urbana, distantes dos parentescos e dos compromissos com os proprietários rurais. Para esses estudantes, o que os tornava especiais e poderosos era o significativo conhecimento científico que julgavam ter atingido. Para esses intelectuais, a ciência tudo podia e eles tinham uma verdadeira missão revolucionária a ser cumprida.

Esta geração, liderada primeiramente por Tobias Barreto e, depois, nos anos 70, por Silvio Romero, autodefinia-se baluarte dos novos tempos, uma elite ungida pela ciência. “O Brasil depende exclusivamente de nós e está em nossas mãos. O futuro nos pertence”, (apud Schwarcz, 1995, p.150) dizia o paraninfo da turma de 1900, afirmando uma legitimidade que não lhes fora concedida, mas conquistada e assumida.

Finalmente, a Faculdade de Direito de Recife da segunda metade do século XIX provavelmente foi a instituição acadêmica brasileira que mais se apegou de forma radical às doutrinas científicas vindas da Europa e à um certa ética correspondente a elas. Afastados dos centros de decisão política do país, esses pesquisadores viviam a certeza de que representavam a vanguarda científica do Brasil. “Saibamos ser homens de nosso tempo, saibamos ser científicos” (apud Schwarcz, Lilia Moritz, 1995, p.151), afirmava o professor Octavio Tavares em 1910 aos colegas da Faculdade. Interessante ressaltar que essas teorias que incorporavam não eram das ciências naturais propriamente ditas, mas das ciências sociais aplicadas, tais como o Direito e a nascente Sociologia, que tomam de empréstimo as metodologias positivistas das ciências naturais.

## Notas

<sup>1</sup> Usaremos os termos positivista e positivismo em sentido lato; quando nos referirmos ao positivismo de Augusto Comte, isto será explicitado.

<sup>2</sup> Não encontramos a recomendação de *Origem das espécies* de Darwin pelo fato de o evolucionismo darwiniano não ser aceito, em vários aspectos, pelos positivistas comtianos, sendo, de algum modo, movimentos antagônicos.

<sup>3</sup> Neste item são incluídos ainda a maior parte dos textos do próprio Comte e textos religiosos, como a Bíblia e o Alcorão (provavelmente como objeto científico para estudos e não como doutrinas a serem seguidas). (Hipócrates, s/d)

## Bibliografia

- BESSIS, Henriette et al. *A ciência e o imaginário*. Brasília: UNB, 1994.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CRUZ COSTA, João. *Panorama da história da filosofia no Brasil*. São Paulo: Cultrix, 1959.
- HIPÓCRATES. *Tratado sobre os ares, as águas e os lugares*. Igreja e apostolado positivista do Brasil, s/d.
- LINS, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- LÖWY, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo: Busca Vida, 1987.
- NEVES, Luiz Felipe Baêta. *A construção do discurso científico: implicações sócio-culturais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- SCHWARZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870 - 1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- SCHWARZ, Roberto. “As idéias fora do lugar” in *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1992.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *O naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

\* Teodoro Koracakis é bacharel em Comunicação Social pela PUC/RJ e Pós-graduando em Literatura Brasileira da UERJ.